

A paixão de Mademoiselle S.

Cartas de amor (1928-1930)

Apresentado por
Jean-Yves Berthault

Tradução
Rosa Freire d'Aguilar



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Jean-Yves Berthault

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Mademoiselle S.: Lettres d'amour (1928-1930)

Capa

Bloco Gráfico

Preparação

Sofia Mariutti

Revisão

Carmen T. S. Costa

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Paixão de Mademoiselle S. : cartas de amor (1928-1930) /
apresentado por Jean-Yves Berthault : tradução Rosa Freire
d'Aguiar. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: Mademoiselle S. : Lettres d'amour (1928-
-1930).

ISBN 978-85-359-3066-5

1. Cartas de amor – França – Paris 2. Memórias 3. Mu-
lheres – Comportamento sexual – França – Paris – História –
Século 20 4. Mulheres – França – Paris – Correspondência
5. Taboo – França – Paris – História – Século 20 1. Berthault,
Jean-Yves.

18-12051

CDD-306.70820944

Índices para catálogo sistemático:

1. França : Mulheres : Comportamento : Sociologia
306.70820944
2. Mulheres francesas : Comportamento : Sociologia
306.70820944

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Prefácio

Enquanto eu ajudava uma amiga a esvaziar um apartamento cujo porão tinha sido esquecido, percebi atrás de um monte de lenha, depois de deslocar umas velhas molduras quebradas e cadeiras sem pés, um caixote em que haviam sido empilhados vidros de conserva vazios entre duas pilhas de jornais velhos. Então pensei que ninguém tem tanto trabalho para proteger recipientes fora de uso e sem tampa. E se tivessem sido postos ali para disfarçar algum fabuloso tesouro?

Tive essa rara impressão de que uma aventura extraordinária estava ali, ao alcance da mão, e de que algo importante estava se produzindo, vocês sabem, como quando a sorte passa por nós ou pensamos ser testemunhas de um milagre, em suma, quando ficamos com a pele arrepiada. Podia ser um mapa do tesouro, um desses pés-de-meia contendo centenas de moedas de prata, títulos de firmas há muito tempo desaparecidas, o diário íntimo de uma falecida senhorita, uma partitura desconhecida de Mozart. Assim, tratei de demolir as camadas de papel e vidros de conserva que protegem o

fundo do caixote, e cheguei a uma bela e pesada sacola de couro, com iniciais gravadas em prateado. Dentro, apenas cartas, escritas com a mesma letra, e completamente misturadas. Começo a ler uma, depois outra, para descobrir in fine toda uma correspondência, visivelmente cartas de amor, numa linguagem mais que ousada, inacreditável em matéria de audácia erótica. Essa correspondência fora deliberadamente guardada naquela sacola que devia se manter escondida, era óbvio. Acabo de encontrar uma data em uma delas: 1929. E todas estão assinadas por uma mulher, Simone.

Devorado de curiosidade, adquire de minha amiga essa correspondência. Assim, aqui estão as cartas de Simone a seu amante Charles, só raramente datadas, e cuja cronologia levei quase um ano para reconstituir, aproveitando a ocasião de estar servindo como embaixador num país tranquilo o bastante para me permitir dedicar os fins de semana e muitas noites a esse exercício. Tendo em vista o número das missivas, só retive uma quantidade limitada delas para propor aos leitores (um pouco mais de um terço), e por discrição os nomes dos protagonistas e dos lugares mencionados foram mudados.

Muitas leituras desta coletânea epistolar podem ser feitas...

É possível vê-la como a relação devassa entre uma mulher e seu amante, expressada nos termos mais crus, e ler estes textos com a ávida curiosidade que nos faria devorar um romance pornográfico anacrônico. Na verdade, Simone usa um vocabulário cuja audácia vai ficando, no correr dos meses, cada vez mais desenfreada, surpreendente na pluma de uma jovem mulher culta, que tudo parece apontar, além do mais, ser “de boa família”. Como explicar tamanho atrevimento e tal linguagem, tão “moderna”? E que mulher poderia escrever assim na época?

Um de meus melhores amigos, a quem mostrei estas cartas antes da publicação, me disse: “Ora, confesse, foi você quem escre-

veu estas cartas! Elas não podem ter sido escritas por uma mulher em 1928!”, e tive de lhe mostrar as originais, com seus papéis de carta envelhecidos, para que enfim ele acreditasse.

Então, onde Simone foi buscar esse vocabulário obscuro, introduzido sem pudor entre tantas frases elegantes? Minha suspeita é que a apropriação desse vocabulário em sua linguagem naturalmente castiça constituiu a transgressão necessária para superar os obstáculos que a separavam de seu desabrochar sexual. Com toda certeza ela terá pegado de Charles as expressões que ele deixava escapar durante suas relações sexuais, pois na época o homem se permitia, com uma amante, usar palavras que não poderia dirigir à esposa, e assim Simone se apossou, em sua busca de liberação, do vocabulário do Macho. Pode-se imaginar que tamanha liberdade, tão esdrúxula para a época, devia ter sobre Charles efeitos afrodisíacos. Liberada, a palavra abre novos possíveis para cada um dos dois amantes. A proibição suprema é, então, desrespeitada: a do pronunciamento.

Evidentemente, a audácia das palavras terá se imposto ao mesmo tempo que a dos gestos, pois a transgressão de umas precede e se alimenta da transgressão dos outros, e com certeza não encontraríamos seus modelos na biblioteca, que imagino tão “clássica”, de Simone; é mais em sua psique e no inconsciente coletivo de uma época que convém buscá-la. Pois, por mais que se percorra a literatura mais ousada desse período, nas estantes nada era possível encontrar que pudesse ser uma fonte de tais inspirações. Genet, que começava sua carreira de ladrão e ainda não a de escritor, não havia publicado nada nos anos em que estas cartas foram escritas (1928-30). Pierre Louÿs não alcançava tais extremos, Gide publicara Corydon em 1924 e Se o grão não morre em 1926, mas apenas aflorava com precaução suas obsessões homossexuais, e As canções de Bilitis ainda não eram o livro de cabeceira da boa burguesia. De qualquer maneira, nenhum desses livros recorria a uma linguagem que a época teria, sem a menor dúvida, qualificado de imunda.

Mas Simone se banhava nesse novo mundo em construção, era contemporânea dos primeiros filmes pornográficos mudos, da “Revue nègre” de Joséphine Baker, de tantas experimentações artísticas que iam revolucionar os costumes, e de uma sociedade que assistia, bem ou mal, à emergência dessa nova ordem amoral parisiense. Nossos dois jovens amantes são, portanto, uma de suas expressões, cerca de vinte anos depois da separação da Igreja e do Estado.

Um de seus inúmeros méritos é que este inacreditável documento nos mergulha na vida das mulheres enfim liberadas e de uma “garçonne” que se assume, dez anos depois do cataclismo da Primeira Guerra Mundial, revelando-nos sem pudor o apelo à liberdade desses Anos Loucos. As cartas ilustram da melhor maneira possível como a reputação das parisienses, desde a virada do século e do entreguerras, não era usurpada. Elas nos informam também sobre a perenidade das pulsões, sobre a permanência dos sentimentos, e sobre essa ideia de que, decididamente, nosso mundo contemporâneo, que se gaba de ter tudo inventado, apenas solução, como pressentimos, a redundância perpétua dos instintos e das aspirações da humanidade, em seu eterno começo.

Porém, o que mais me cativa nessa correspondência, o que dela retenho, e o que proponho ao leitor, é antes de mais nada uma magnífica e trágica história de amor, misturada a uma neurose obsessiva, que me perturbou. Tenho a sensação de que Simone, que sofreu muito, merece que seus sentimentos, seu sacrifício, além de suas loucuras, revivam hoje às claras, e que a dimensão trágica dessa vida obscura e dolorosa seja reconhecida post mortem.

Também devo confessar que não me desagrada publicar esta obra no momento em que acabo de abandonar a carreira de embaixador. Como Simone, sou anticonformista.

J. Y. B.

GALERIA FRÉDÉRIC CASTAING
AUTÓGRAFOS E
DOCUMENTOS HISTÓRICOS

Conjunto de 185 cartas, com a mesma caligrafia, assinadas por um nome feminino, de diferentes formatos, c. 1929-30. Alguns desenhos a lápis. As cartas estão reunidas em 4 pastas.

Cartas de várias páginas cada uma, assinadas com o nome feminino por extenso, ou com um diminutivo, ou com uma inicial. Em geral as cartas são autógrafas e assinadas, quatro são autógrafas não assinadas, o resto se compõe de um final de carta autógrafa, de dois poemas autógrafos e de um *pneumatique** autógrafo assinado. Os formatos são diferentes, 117 cartas in-4º, 63 cartas in-8º, e outros formatos diversos, sendo o papel de época.

As cartas são escritas a partir de várias residências. Algumas são datadas, 22 de janeiro de 1929, março de 1929, 14 de junho de 1929, 31 de dezembro de 1929. O *pneumatique* assinado foi enviado em outubro de 1929 (carimbo do correio) e confirma a datação.

Correspondência erótica de uma mulher a seu amante, no final dos anos 1920.

Frédéric Castaing

Paris, 20 de fevereiro de 2015

30 rue Jacob – 75006 – Paris
Tel: 01 43 54 91 71
galerie.frederic.castaing@wanadoo.fr
www.galeriefredericcastaing.fr
R.C. Paris A320739386
TVA: FR92 320 739 386

* Os pneumáticos, mais conhecidos pelo diminutivo “pneus”, foram um meio muito parisiense de transmissão de correspondência. Postos à disposição do público em 1879, só desapareceram em 1984, suplantados pelo uso do fax, e depois dos e-mails. Cento e vinte agências de correio eram equipadas de infraestrutura que permitia enviar cartas por um sistema de tubos de ar comprimido, percorrendo até um quilômetro por minuto. O usuário comprava uma folha pré-selada numa agência de correio, na qual era possível escrever umas vinte linhas, e que em seguida era dobrada colando-se as beiras. No verso desse papel dobrado se escrevia o endereço do destinatário. Os tubos de ar comprimido ligavam toda a cidade de Paris, de modo que alguns minutos depois do envio um carteiro ia entregar o pneu no endereço indicado. Era, na época, uma distribuição “em tempo real”. [Esta e as demais notas de rodapé são de Jean-Yves Berthault.]

Sábado, 11h30

Desculpe, querido, se este bilhete é curto demais... Só me falta tempo, pois você sabe que eu teria muitas coisas para dizer se pudesse!

Hoje você só terá de mim um meigo pensamento, só um beijo nos seus lábios amados e nos seus lindos olhos castanhos, mas mesmo assim estarei ao seu lado espiritualmente. E você, meu amado, pensará em mim? Sim, espero, e também espero receber um bilhetinho no correio de segunda-feira.

Querido, gostaria de te ver num dia da semana que vem se isso for possível, pois tenho tanto desejo de suas carícias que será um sem-fim esperar até sábado.

Quero saborear de novo os minutos apaixonados de nosso último encontro... A lembrança daquelas carícias me perturba estranhamente e quero reencontrar em seus braços as sensações tão maravilhosas que você sabe me dar. Meu bem-amado, quero

que me ame com todo o ardor do seu desejo, quero que me faça gozar perdidamente sob seus abraços perversos. Querido amado, diga que, como eu, você quer conhecer de novo aquelas carícias, diga de novo que em meus braços você é feliz, muito feliz e que me ama...

Comporte-se, meu amante adorado, durante esses dois dias. Guarde para mim suas carícias perversas, guarde-as só para mim, quero te amar assim, sempre, sempre.

Adeus, meu pequeno deus que eu adoro. Até segunda à noite, espero!

Me dê todo o seu corpo tão maravilhoso, quero apertá-lo em meus braços, bem forte, bem forte, para me impregnar do seu perfume inebriante. Colo meus lábios nos seus com um beijo profundo no qual ponho todo o meu coração, repleto de você, só de você.

Toda a minha ternura, meu bem-amado. Te amo.

Simone

Meu amor querido,

Como foi bom ontem à noite... Todos aqueles minutos passados ao seu lado tinham me excitado, e seu *pneu* acabou de inebriar meus sentidos. Todas aquelas palavras apaixonadas me perturbaram deliciosamente e na minha cama grande, no escuro de meu quarto, não fui muito bem-comportada. Perfumei todo o meu corpo antes de me enfiar debaixo de lençóis limpos, como se você viesse se juntar a mim.

Com a cabeça no travesseiro, evoco a imagem querida de meu pequeno deus. Minha mão acaricia lentamente todo o meu corpo, que aos poucos estremece. Desce dos seios até as coxas, se perde um instante no pelo morno do púbis e desliza mais para baixo. Com essa dupla carícia, uma volúpia infinita toma conta do meu ser. Agora eu tremo de prazer, pois te evoco com todas as minhas forças. O gozo é tão forte que me seguro para não gritar. Charles, Charles querido, sim, amanhã te darei o alucinante espetáculo que você deseja. Quando eu gozar perdidamente, você me possuirá inteira para não me dar tempo de me recuperar, para que um segundo gozo ainda mais forte que o primeiro me arraste para o prazer.

Amanhã, amado querido, poderemos realizar todas as nossas loucuras.

Sou obrigada a parar, de novo. Não tenho tempo para dizer tudo o que quero.

Até logo, meu bem-amado. Te amo.

Simone

Terça-feira, 31 de julho

Meu amor Amado,

Recebi sua última longa carta. Você é um amor por me escrever assim, fico tão contente quando entrevejo o envelopinho branco na caixa de correio! Eu também teria ficado muito triste se você não tivesse respondido imediatamente... Te amo! Meu amor querido, para mim é impossível partir daqui antes de domingo à noite. Acredite, amado querido, que, assim como você, anseio ardentemente pelo nosso próximo encontro. Todo o meu ser se estende para você e convoca o amante delicioso que você é, que será sempre. Não, amor querido, não me cansarei de você, esteja certo. Fui feliz demais em seus braços e sei de antemão o prazer que vou sentir quando você me possuir... Já vivo em pensamento toda a cena do nosso próximo encontro. Você me fará sofrer cruelmente, meu corpo que te pertence se torcerá sob os golpes, você me ouvirá pedir misericórdia... E o seu desejo de mim será violento porque grudarei minha carne na sua, te apertarei inteirinho entre as minhas coxas frementes, minha boca buscará seus lábios para machucá-los com beijos furiosos. Você me possuirá, meu bem-amado, como gosta, e nosso abraço apaixonado arrastará nós dois para o gozo infinito que só carícias como essas conseguem provocar. Saberei te cobrir com todas as que você quiser. As mais perversas, você diz? Pouco me importa, Charles querido, quero acima de tudo que você seja feliz em meus braços. Então, obedeço às suas ordens, meu mestre querido! Se soubesse como estou louca para me aninhar em seus braços! Tenho tanta vontade de reencontrar seu corpo que me deu êxtases tão grandes...

Bem-amado querido, verá como nos amaremos depois dessa longa separação, lado a lado mas sem poder nos unir... Ah! Por

que você não pode ficar livre uma noite! Que belas horas viveríamos, um nos braços do outro, na calma e na penumbra do quarto grande, apertados um contra o outro, depois do êxtase louco que nos deixará sem forças; quando nosso desejo mútuo e violento tiver nos arrastado para o gozo supremo, como nos sentiremos bem, meu amor, descansando nessa cama grande... Mas por que evocar essas imagens, essa felicidade não é possível... Esperaremos o outro sábado para provar esses amores loucos. Uma coisa me inquieta, amado. É que me pergunto onde poderemos nos ver, quando minha família voltar!... Pois não penso que poderíamos nos largar tão depressa, meu amor; se você não consegue se afastar de mim, eu não consigo renunciar às suas carícias... Precisaremos pensar nesse problema. Falaremos a respeito em Paris, está bem? Meu amado, te deixo. Escreva uma longa carta para que eu leia antes de partir daqui. Não fiz nenhuma foto minha, meu querido!

Adeus, tesouro querido, te beijo loucamente por toda parte, por toda parte. E digo até segunda, meu bem-amado.

Te amo perdidamente, meu amante adorável.

Sua Simone

M'amor querido,

É também a última carta que receberá de mim. Daqui a dois dias pego o trem para Paris, para você, meu amado, que estou louca para apertar contra o meu coração depois de uma ausência tão longa. Não imagina quanta saudade senti nesses vinte e três dias passados longe de você. Vários dias fiquei triste apesar dessa natureza tão bela cujo encanto todo não conseguia me tocar! Se eu não tivesse as suas cartas queridas para me dizerem que você me amava, para me fazerem reviver todas as nossas belas horas, teria ficado mais triste ainda!

Quer que eu fale do nosso amor? Não há frases, por mais eloquentes que sejam, que consigam expressar toda a paixão, todo o ardor, toda a loucura que contêm essas duas palavras: “nosso amor”. Vivemos juntos minutos tão belos, provamos tamanhos êxtases que seríamos inábeis em querer contá-los! Que mais posso dizer, meu amor querido, senão que imagino sonhar quando penso em tudo o que faz “nosso amor”. Você me fez conhecer sensações inesquecíveis, soube despertar em mim, com toda a sua perversidade, sei lá que instinto secreto que agora me faz desejar novos gozos, sempre mais perversos e mais fortes. Você é um mestre na arte tão delicada de amar e sou uma bem-aventurada, uma bem-aventurada por ter sabido, eu também, te prender.

Nada imaginei durante essa ausência, nada, apenas me lembrei. E sei que quando nossos corpos se unirem de novo, quando a sua carne se aproximar da minha, tamanho arrepio de desejo me tomará, que ele me ditará todas as loucuras possíveis! Sim, te amo com um amor absoluto, te amo com o meu coração, mas também e sobretudo com os meus sentidos, com a minha car-

ne, e te quero todinho, está ouvindo, amor querido? Quero que nenhum desvão secreto da sua carne escape aos meus carinhos, aos meus beijos. Quando te vejo ali, todo nu e tão bonito em meus braços, é uma loucura que me conquista abruptamente. Ah! Amado querido, deixe-se levar, deixe-se afagar por todo lado, por todo lado. Quero beijar loucamente essa pele branca e lisa, essas coxas firmes, esse ventre e esse peito adorável em que meu rosto em fogo buscará o frescor. Se quiser conhecer sensações alucinantes, fale, dite e obedecerei. Feliz, feliz de te ouvir ofegar de desejo, de gozo.

De meu lado, espero com o coração disparado por uma deliciosa comoção, a sua primeira medida. Você diz que vai me fazer sofrer. Paciência, mas me diga que será feliz em meus braços, que ouvirei seu grito de vitória, seu grito de macho, quando me agarrar nos seus braços, machucada, derrotada, sem forças!

Pertenço a você, meu amante adorado, com toda a força de minha carne inebriada por suas carícias brutais... Sabe que aceito de antemão as suas paixões, se elas devem nos unir ainda mais completamente. Também experimentei nos seus braços a volúpia mais intensa. Gozei com todas as minhas forças, sob seus tapas, suas brutalidades. Gozei sobretudo por sua sábia posse. Quero reviver esse gozo que jamais tinha conhecido durante a relação corriqueira, que me deixa fria e insensível. *Jamais*, está ouvindo, quero conhecê-la com você. Porque *eu sei* que um e outro ficaríamos decepcionados. E além disso, desceríamos ao nível dos amantes banais, quando na verdade pairamos nas esferas proibidas, quando somos dois “fora da lei”, uns depravados, uns apaixonados, tudo o que faz “nosso amor”.

Amor querido, infelizmente não consigo me libertar do dever para sentir nos seus braços minutos deliciosos! Isso é tão impossível para mim quanto para você. Preciso ir para o escritório às oito horas, assim que descer do trem! Devemos esperar pelo

sábado, com muita paciência, meu amado! Mas se você fosse bonzinho, passaria pelo escritório para me ver cinco minutos ou me ligaria* para que, pelo menos, eu pudesse ouvir a sua voz!

Te deixo, vou correndo pôr esta carta na caixa do correio. Adeus, amor querido. Te aperto contra mim num alucinado abraço!

Sua Simone

* A impressão de modernidade que o uso do telefone por Simone poderia dar ao leitor, há quase cem anos, é errada. Na época, Paris era uma das cidades mais modernas do mundo. O metrô parisiense existia desde 1900, e o telefone já tinha surgido bem antes. Charles Bonseul, chefe telegrafista da cidade de Douai, expõe pela primeira vez o princípio do aparelho num artigo publicado na revista *L'Illustration* de 1854, intitulado “Transmissão elétrica da palavra”. Sem dúvida, o telefone ainda era, em 1928, reservado a uma pequena elite que pertencia essencialmente à alta burguesia e à aristocracia, mas as primeiras assinaturas datavam, na capital, de 1881. Milhares de parisienses dispunham assim, na época de nossa correspondência, desse meio de comunicação, que conheceu no período desta história uma expansão importante com o surgimento, em setembro de 1928, da primeira central telefônica automática em Paris. Desde então, os assinantes dispunham de um disco com orifícios redondos que permitiam discar caracteres alfanuméricos: três letras seguidas de algarismos.

Aliás, Proust menciona em sua obra o telefone, em especial em *Do lado de Guermantes*, em que se refere a uma conversa com a avó. Em sua correspondência, costuma empregar, para qualificar suas conversas telefônicas, o delicioso neologismo “telefonagem”. Em todo caso, temos aí algo que nos informa sobre o meio em que evolui nossa heroína, que é avara em informações sobre seu contexto social: ela pertenceu, sem nenhuma dúvida, a um meio privilegiado, o que é confirmado pela qualidade de sua língua e de seu estilo. Imagino-a recebendo seu primeiro aparelho revolucionário três meses depois do início do idílio com Charles, e o estreando com ele.

Meu querido amor,

Prefiro ter feito você sorrir. Prefiro ter me enganado, mas também, que calma e que silêncio depois de um dia desses!

Quer dizer que você foi perfeitamente feliz em meus braços e a nossa relação não foi decepcionante. Estou radiante, meu bem-amado, pois você sabe que acima de tudo quero te contentar.

Se consegui te provocar um gozo alucinante, acredite que o meu me deixou acabada e sem forças. A palmada violenta que você me deu me prepara para a prova seguinte. Vou galgando, por degraus, etapas cada vez mais cruéis e chegará um dia, muito próximo, assim desejo, em que você poderá enfim encontrar a sensação perversa que procura.

Sim, meu tesouro querido, você me chupou muito bem. Que embriaguez profunda me invade quando, com a sua língua e os seus lábios, você beija apaixonadamente meu botão excitado! Essa carícia maravilhosa que você prolonga, eu espero por ela mais que tudo, pois é o complemento supremo de todas as metidas apaixonadas que você me dá. Mas nos seus braços sempre sou feliz. Mesmo quando abatidos, e quando nossos corpos descansam, amo sentir você pertinho de mim. Sinto prazer em acomodar minha cabeça no seu ombro, e você me abraça tão carinhosamente ao me apertar contra a sua carne que eu gostaria de passar horas assim, te vendo dormir.

Charles querido, não escrevo mais agora pela manhã porque infelizmente tenho coisas demais que me impedem, mas quero que saiba como estou ligada a você e que amo todas as suas carícias, mesmo as mais cruéis.

No nosso próximo encontro quero te provar que sei sofrer para que você seja feliz já que esse é o seu desejo.